

A QUESTÃO URBANA DERIVADA DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS EM ARMANDO AUGUSTO DE GODOY: A CIDADE DESEJADA SOBRE A CIDADE QUE SE TEM

Celina Fernandes Almeida Manso
Pós-graduação da FAU/UNB
celina.manso@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O urbanismo, entendido como testemunho de um vasto conjunto de práticas da contínua e consciente modificação do estado do território e da cidade, tem como objetivo controlar o crescimento da cidade e sistematizar a cidade existente. É com a formação deste campo disciplinar que emerge a ideia do planejamento para dar respostas a situações precárias nas cidades. A forma epígrafe, com a qual o engenheiro Armando Augusto de Godoy abre a sua coletânea de artigos e conferências reunidas no livro *A urbs e seus problemas* (Godoy, 1943)¹, publicado em 1943, poderia ser entendida como uma mera definição da palavra urbanismo. Contudo a frase traz eixos fundamentais de sua opção teórica como homem público e ativo divulgador do pensamento urbanístico. Conhecer sua atuação profissional, suas estratégias e as relações sociais que estavam interagindo no processo de constituição do urbanismo no Rio de Janeiro se faz necessário para entender esse campo de conhecimento conformado simultaneamente com novas práticas que, *ao rastreadá-las, pode-se perceber que a construção de seu objeto, isto é, um olhar científico sobre a cidade, esteve articulado também à confecção de seu ideário, pois envolveu novas formas de leituras da realidade citadina.* (Silva, 2003, p. 87)

Esta constitui a opção mantida em seus escritos, conferências e planos urbanísticos ao longo dos cerca de vinte e quatro anos de exercício profissional. Interpretar como Armando de Godoy decodifica essas noções em seus escritos constitui um exercício que

¹ Consta nessa publicação seis textos escritos a partir do quinto ano de comprimento do dever inerente ao cargo de engenheiro municipal na capital republicana: 1925 - “A questão social das pequenas habitações no Rio”; 1926 - “A evolução das cidades e a urbs moderna”; “Necessidade inadiável de um plano de remodelação para o Rio de Janeiro”; “O elemento fundamental da vida e das transformações urbanas”; “A subordinação da estética e da salubridade das cidades à divisão dos terrenos”; e 1927 - “Uma nova fase para o Rio de Janeiro”;

propomos esboçar neste artigo, como etapa inicial de um estudo mais amplo, cujo objetivo, após levantar o campo conceitual base dos escritos e o modo como o organiza ao articular os problemas da cidade do Rio de Janeiro, é avaliar a coerência entre argumentos e atuação profissional.

Com vistas de avaliar o modo pelo qual as noções acima citadas compõem os argumentos de Godoy, destacaremos as transformações urbanas do Rio de Janeiro e também a concepção e construção da forma-espço do núcleo urbano inicial de Goiânia. As concepções urbanas presentes na tessitura física dessas duas cidades permitem discutir a tarefa e atuação dos engenheiros no final do século XIX e início do século XX. Ler diferentes linguagens – a escrita e a iconográfica, esta última nem sempre presente na trama discursiva de Armando de Godoy é o desafio. Nesse procedimento observar-se o modo como as imagens atuam em dupla dimensão, a de elemento de persuasão, quando na forma de esboços traçados, e a de convencimento entre os pares, quando o desenho urbano é usado como tradução de conceitos. Interessa discernir no agenciamento dessas linguagens a dimensão política dos argumentos de Armando de Godoy. Nesse artigo, metodologicamente o recorte temporal foi definido pelos textos publicanos entre décadas de 1920 e 1930 contidos no livro “*A urbs e seus problemas*” (Godoy, 1943).

2. GODOY NO RIO DE JANEIRO: O MODO DE PENSAR E FAZER A CIDADE

Godoy nasceu na cidade de Volta Grande, em Minas Gérias, e lá permaneceu até 1892. É na cidade do Rio de Janeiro, que sua ação e emergência se dão. Como ator social ele foi empregado no comercio, estudante, engenheiro civil pela Escola Politécnica, urbanista, funcionário público, escritor, palestrante, conferencista, Ex-Lente Catedrático do Colégio Militar e Ex-Presidente da Comissão do Plano da Cidade do Rio de Janeiro, com atuação profissional em importantes lugares institucionais para a prática e divulgação do urbanismo.

Godoy se formou urbanista no exercício cotidiano das suas atividades como servidor público. Ao longo de sua vida, colabora para várias publicações de artigos, e vê na escrita uma forma de manter a sua voz, um modo contínuo de questionamento e reflexão sobre a realidade ao seu redor e sobre as transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro. A carência de infraestrutura urbana deste período, fez com que engenheiros, técnicos da

prefeitura, médicos sanitaristas e intelectuais discutissem e reclamassem uma solução para o crescente problema.

Os princípios adotados nas intervenções urbanas brasileiras no início do século XX estavam fundamentados no modo-de-fazer português do período colonial a partir da chegada da corte real na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX. Neste processo de mudança torna-se necessário desvincular a cidade de sua característica e fisionomia colonial. Com as grandes transformações, as contradições sociais se tornaram evidentes, acentuadas pelas fortes epidemias. Novos hábitos eram necessários e a desprovida colônia precisava de um governo organizado e de instituições administrativas, de escolas, estradas, bancos, fábricas para sua adaptação à função de sede do Império.

Godoy descreve as primeiras grandes transformações urbanas e os seus principais autores no Rio de Janeiro. Entre os auxiliares do presidente Rodrigues Alves na remodelação da capital republicana, destacou o nome do prefeito Francisco Pereira Passos, no projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro (1902-1906). O Rio de Janeiro e a questão nacional sempre estiveram profundamente correlacionados na história do Brasil. Assim na fase de Pereira Passos, observa-se no Rio de Janeiro a construção de uma nova cenografia e de novos emblemas.

A proposta de abertura de ruas retilíneas cortando a cidade velha só será realizada no início do século XX, no momento da “modernização” da cidade do Rio de Janeiro. Pereira Passos coloca em prática a primeira intervenção sistemática e direta do Estado sobre o espaço urbano na capital da República. Por outro lado, neste período na Europa, os *travaux publics* – as grandes aberturas de vias do barão Haussmann, em Paris, as experiências do Ring e depois da rede ferroviária metropolitana, em Viena, o exemplo de um possível desenvolvimento radial, em Berlim, são eventos que revelam o papel exemplar das cidades capitais de maior e mais rápidas transformações no setor comercial e de serviços, e também na densidade do tecido edificado, mas sobre tudo, lugares de crescimento incontrolável em direção as áreas periféricas, mesmo conservando aspectos fundamentais de sua fisionomia. (Calabi, 2012. p. 167/189).

3. A REMODELAÇÃO DA CAPITAL FEDERAL E O URBANISMO

Para Godoy um plano geral e completo de remodelação do Rio de Janeiro deveria corresponder à *"sublimidade do grandioso cenário"* em que ela vivia e se desenvolvia. No movimento de mudanças e modernização, o Rio de Janeiro desempenhou um papel importante na definição do novo perfil da nação brasileira. É nessa conjuntura que surge Alfred Hubert - Donat Agache. A ideia da contratação de um técnico engenheiro foi sugerida por Mariano Filho e encampada de imediato por Godoy, que como chefe da Comissão, sugeriu uma lista de quatro nomes para o prefeito Prado Junior, recomendando:

Antes de tudo, mister e que se organize um plano completo de remodelação, compreendendo o aperfeiçoamento de todos os órgãos urbanos, plano que só pode ser traçado por um urbanista com a competência técnica e o bom gosto de um Stübben, de um Bennet, de um Jausseley, de um Agache, o glorioso autor da capital da Austrália. (Godoy, [1926] 1943, p. 33)

Godoy defendera a ideia da contratação de um urbanista de larga experiência não só para realizar o referido plano, mas também para formar um quadro profissional na administração pública da qual fazia parte. O olhar sobre a cidade, neste período, passa de uma análise meramente estética espacial para uma leitura social da mesma. Percebe-se que na sua atuação profissional no Rio de Janeiro, Godoy esteve sempre sintonizado com a prática profissional urbanística do exterior, o que levaria a elaboração de uma concepção urbanística em diálogo com o pensamento urbanístico internacional com o debate internacional. Foi o engenheiro da Prefeitura que escrevera sobre o Plano Geral de Remodelação do Rio de Janeiro denominado "Plano Agache". Para ele este plano encerra soluções aceitáveis para várias questões fundamentais da Cidade do Rio de Janeiro. Como técnico Godoy procurou defender o "Plano Agache" como uma das grandes conquistas feitas pela cidade. Como figura central no debate sobre o urbanismo no Brasil, a atuação de Godoy no campo profissional torna-se fundamental para a consolidação da disciplina urbanismo no País.

As visões alternativas sobre o que seja uma boa cidade, presentes no movimento urbanístico internacional nos anos de 1880 a 1940, fizeram parte do contexto cultural de Godoy. Ao defender na imprensa a contratação de um urbanista para a remodelação do Rio de Janeiro, demonstrou estar atualizado com a prática profissional no exterior. Para a adequada elaboração de um plano de remodelação, Godoy considera imprescindível a concorrência de três condições: o conhecimento do tecido urbano existente, o estabelecimento de um programa de transformações e de expansões e as condições de viabilização financeira sob a responsabilidade da municipalidade.

Nas suas palavras podem ser identificadas as ideias norte-americanas que durante os anos 1920 e 1930 foram aplicadas pelo grupo de planejadores da *Regional Planning Association of America* a uma grande variedade de contextos britânicos. Nesse período, os profissionais americanos e britânicos mantiveram imenso tráfego transatlântico em ambos os sentidos. Como evidenciado nesta citação de Peter Hall:

Thomas Adams atravessa o oceano quase todos os anos, entre 1911 e 1938; Stein e Wright encontram-se com Howard e Unwin na Inglaterra em 1923; Geddes entrou em contato com a "Regional Planning Association of America", em 1923, Unwin e Howard em 1925. (Hall, 1988, p.191)

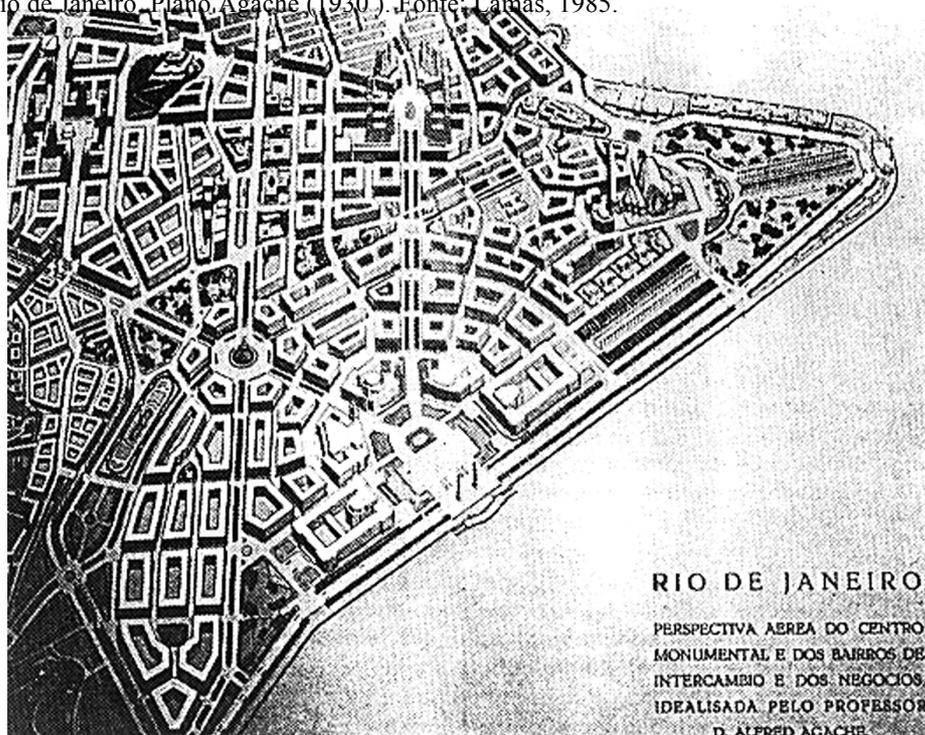
Ao defender a ideia da elaboração de planos globais de remodelação da cidade, Godoy toma como parâmetro a contemporânea disciplina do *town-planning* dos ingleses. Considera inadmissível a remodelação de trechos de uma metrópole, como praças, avenidas, seguindo a orientação de um simples sonhador e sem levar em consideração as necessidades plenas da cidade. Daí, o grande valor que atribui ao urbanismo. No seu entender, a administração pública e o meio social e político são elementos fundamentais para o sucesso da organização e a correta aplicação de um plano geral de remodelação da cidade. A diminuição dos gastos públicos é um dos argumentos usados por Godoy para a adoção de um plano nacional, sistemático, de execução metódica. Porém, lembra Godoy, para que se viabilize uma intervenção efetiva de remodelação de toda a cidade, é preciso ter consciência da necessidade do domínio técnico da topografia do terreno e da necessidade do levantamento cadastral.

No que diz respeito ao diálogo sobre planejamento entre o Brasil e Europa, temos a tentativa de Agache de observar a cidade do Rio de Janeiro à luz da metáfora organicista e do procedimento terapêutico em que veementemente acreditava. Agache partilhava, sobretudo, das teorias do biólogo escocês Patrick Geddes. Assumia o trabalho do urbanista como similar àqueles dos médicos, ou seja, a missão do urbanista seria diagnosticar, além disso, trata o caso patológico das cidades focalizando as funções urbanas. O plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro (fig. 01) analisado por Marisol R. Sosa e Roberto Segre joga luz sobre as primeiras interpretações de Agache referentes a cidade do Rio de Janeiro e revela suas interlocuções (Sosa e Segre. In: Pereira 2013).

Agache se manterá, em Godoy, como uma expressão viva da cultura francesa, presente no planejamento de suas inúmeras obras de arquiteto e de urbanista. Ele veio

consolidar "um novo campo do saber e poder que vinha sendo lentamente delineado no Brasil – o Urbanismo. (...) Agache tem um papel catalizador na consolidação de um projeto de reforma da cidade que prenuncia o ideário de construção de uma nova sociedade e de um novo Estado".² Numa ligeira referência relativa às ligações intelectuais, morais e políticas com a França destaca a ação da engenharia francesa no Brasil nas atuações do Engenheiro *Louis Léger Vauthier* - aluno da *Escole Polytechnique de Paris* - que juntamente a outros franceses, foram entre nós mais que "agentes técnicos", mas também representantes da cultura francesa, na primeira metade do século XIX, verdadeiros precursores da ação de Alfred Agache e do contingente da técnica e dos técnicos franceses.

Figura 1 - Rio de Janeiro, Plano Agache (1930). Fonte: Lamas, 1985.



Para Godoy o Plano Agache encerra soluções aceitáveis para várias questões fundamentais da Cidade do Rio de Janeiro. Agache fará vários discípulos no Brasil dos quais se destacam Atilio Corrêa Lima e Armando Augusto de Godoy. Nos estudos de Denise Cabral a consolidação do urbanismo no Brasil, na primeira metade do século XX, no âmbito do campo disciplinar da engenharia, e não ainda da arquitetura, pode ser interpretado com sendo a da disputa de mercado pelo urbanismo, do "mercado emergente de intervenção na cidade"

² Ribeiro, Luiz Cezar de Queiroz. Comentário feito no livro "O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20", de Denise Cabral Stuckenbruck, 1996.

(Stuckenbruck, 1996). Neste caso, para Rodrigo Faria (2007) o que existe são entradas diferentes nas questões urbanas, que se dão pelos dois campos disciplinares em questão; e no caso da engenharia não só pela intervenção em si, mas na conformação dos processos que necessariamente passavam pela criação daqueles serviços em âmbito público municipal. Os arquitetos não estão inseridos, ainda neste momento, nessa estruturação do urbanismo na esfera pública, ocorrendo somente a partir da criação das faculdades de arquitetura e urbanismo no final da década de 1940 (Leme, 2003). Somente após essa década é que a atuação dos arquitetos ocorrerá pela entrada das ideias do movimento moderno em arquitetura, articulado aos debates dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Segundo Rodrigo Faria (2013) uma análise sobre a contratação e a importância do urbanista Alfred Agache foi realizada por José de Oliveira Reis, no ano de 1965, orientada pelo interesse em conhecer a *“evolução urbanística da cidade”*. No diálogo de Reis, seja como leitor ou interlocutor, de Godoy fica claro a sua compreensão e posição favorável em relação à contratação de Alfred Agache e ao processo de institucionalização do urbanismo no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro. O lugar profissional da engenheira na institucionalização do urbanismo brasileiro parece estar relacionado diretamente com a contratação de Alfred Agache para o estudo do primeiro plano de remodelação, extensão e embelezamento da cidade, *visando orientar seu crescimento normal, sistematizando sua expansão natural, metodizando sua vida coletiva e organizando-a administrativamente para atender suas necessidades futuras* (Reis, 1965. In: Faria, 2013, p.29/30).

4. A CIDADE CAPITAL E CIDADE MODERNA

É preciso reconhecer que como Engenheiro Municipal, de fato Godoy sentiu de perto os complexos problemas do Rio de Janeiro e acompanhou as transformações urbanas da Capital por vários governos que se sucederam sem harmonia de continuidade de ação. Nas suas interlocuções expõe os princípios do urbanismo moderno e a necessidade de planos de gerais, utilizando da linguagem metafórica organicista. Adota e indica procedimentos terapêuticos, faz uma retrospectiva através dos séculos mostrando que a cidade é uma resultante dos elementos que a procuram através das vias de comunicação que para ela convergem. Mostra a dependência e subordinação da cidade às vias de circulação terrestre, fluviais ou marítimas que sobre ela incidem.

Diante da concepção e das principais condições da uma cidade moderna e sua ação civilizadora e econômica, Godoy conclui que *“quão longe estão de ser consideradas cidades modernas as nossas capitais. Para remodelá-las, afim de pôr ao nível de muitas que se encontram na Europa e nos Estados Unidos, é necessário um esforço contínuo, enérgico e bem orientado durante muitos lustros”* (Godoy, [1926] 1943, p.33).

Para ele a cidade moderna é a cidade capital, os atributos que a cidade moderna deve possuir são pensados para a cidade capital. Entendia que *“após vinte e quatro anos de remodelações parciais”*, sem que nenhuma *“obedecesse à segura orientação de uma bem comprovada autoridade em estética e higiene urbana, somente “um plano completo de melhoramentos e expansão, organizado sob as vistas de um urbanista de renome universal”* conduziria rumo à solução dos problemas fundamentais da cidade do Rio de Janeiro. (Godoy, [1927] 1943, p.45).

Godoy percebe que é possível reverter os efeitos de algumas escolhas políticas, evitar erros e apropriar de métodos e procedimentos considerados exemplares relevantes de planos desenvolvidos para as cidades europeias e norte-americanas. Segundo o Engenheiro Francisco Batista de Oliveira³, Godoy urbanista patricio, considera a reforma da estética e a higiene urbana, mais que uma simples preocupação de ordem profissional, um autêntico ideal, uma verdadeira aspiração. Assim como Godoy, o engenheiro-arquiteto Anhaia de Mello vive também uma estreita relação entre higiene, traçado ordenado e estética arquitetônica que encontra-se bastante difundida no meio profissional especializado como elemento formador do cidadão. Anhaia de Mello, dentre outros profissionais do urbanismo, conheceu esta posição com seu professor Víctor da Silva Freire no período de sua formação acadêmica e conviveu no início de sua carreira de docente com obras de execução dos projetos de intervenção na área central de São Paulo. Estas obras foram responsáveis pela imposição de uma concepção estética que exigia eliminar o traçado colonial da cidade e estabelecer um padrão arquitetônico considerado moderno para os novos edifícios que vinham ocupar vazios urbanos ou substituíam as antigas construções em taipa. Em 1929, Anhaia de Mello utiliza termos fundamentais da vertente sociológica de base organicista, evidentes quando afirma ser uma das questões mais difícil de solução *“o problema de governo e administração, ou a anatomia e a fisiologia desses organismos tão complicados”*, a cidades. Esta terminologia

³ Presidente do Comitê Nacional de Urbanismo, em 1943, no prefácio do livro *“A urbs e seus problema”* de Armando Augusto de Godoy.

orienta a proposta funcional de recortar a cidade em áreas de usos específicos e complementares por meio de leis de zoneamento. *Para ele a espinha dorsal do urbanismo era o zoneamento.* (Bresciani: In Faria, et al. 2014, p. 243 e 247)

No ano de 1931⁴, Godoy deixa vestígios de uma posição pedagógica de formar o cidadão e de um dever de divulgação dos princípios modernos do urbanismo. A principal intenção, junto a opinião pública, é de formar um ambiente favorável às intervenções urbanas e às aspirações de desenvolvimento e progresso contido dentro de um limite prático que permitisse levar à plena execução um plano de conjunto no modo mais “*econômico e perfeito*”, afim de que o cidade capital do Distrito Federal se transformasse em uma “*urbs perfeitamente acabada*”. (Godoy, 1943).

6. A IDEIA DE CIDADE–JARDIM E A MUDANÇA DA CAPITAL GOIANA

Como os demais estados centrais do Brasil, possuidores de grandes extensões territoriais, Goiás também passou por várias experiências com o objetivo de atingir a prosperidade em épocas que antecederam a fase de larga expansão do capitalismo na economia nacional. Entre todas as tentativas, a ideia de mudança da capital goiana destaca-se como a principal medida para resolver os problemas do Estado.

Decretado o Estado Novo, as forças políticas de 1930 buscavam sua legitimidade no espaço político goiano. Neste momento, o Estado toma para si a tarefa de construir a nação, ainda que à custa da centralização política e administrativa. Ao debater a questão, argumentava Pedro Ludovico Teixeira que dois outros estados da Federação – Sergipe e Minas Gerais – tinham obtido sucesso total ao mudar suas capitais em 1855 e 1897, respectivamente. Era a melhor forma que encontrava para demonstrar o desejo e a necessidade que tinham os goianos de participar do projeto nacional. O discurso do progresso definia, assim, os ideais a serem conquistados. Este ponto de vista encontra ressonância nas

⁴ Constam no Livro “*A urbs e seus problemas*”(GODOY,1943) a publicação 11 textos que revelam a atuação de educador urbano de Armando Augusto de Godoy.

observações de Godoy que atribuiu “*o pouco ponderável progresso de nosso Estado ao fato de nele ainda não ter podido surgir um centro urbano com todos os elementos necessários para se expandirem e estimularem as múltiplas atividades que caracterizam a vida econômica e social de um povo.*” (Godoy, [1933]1943, p.213).

Costuma-se mencionar a transferência da capital do estado de Minas Gerais da colonial Ouro Preto para a cidade de Belo Horizonte como símbolo deste anseio de modernização urbana no Brasil e conseqüente negação das estruturas urbanas coloniais que podiam ser encontrados na virada do século XIX para o século XX. As evidências de algumas transformações urbanas no Rio de Janeiro e nas principais conquistas daquela capital no campo do urbanismo no decorrer de várias administrações, passam a ser observadas sobremaneira nos aspectos sistematizados com muita propriedade por Godoy.

Em seus aspectos globais, o movimento que levou à mudança da capital mineira é, no conjunto, o que mais se assemelha ao processo que determinou a transferência da capital goiana. A colonial cidade de Villa Boa de Goyaz – chamada regionalmente de Goiás Velho -, faz parte do grupo de cidades espalhadas pelo Brasil, cuja topografia muito irregular foi estrategicamente aproveitada pelos colonizadores portugueses mediante a adoção de traçados reguladores. Para muitos, a mudança da capital do Estado de Goiás reflete o vigoroso impulso da civilização. Roberta Marx Delson (1997), pioneira na publicação de estudos sobre o assunto, percebe a existência de uma padronização na construção de vilas no Brasil Colônia. Segunda esta pesquisadora, os portugueses planejaram e construíram novas vilas e aldeias no sertão brasileiro com o intuito de supervisionar e civilizar grandes extensões de terras por meio de um plano diretor de longo alcance.

Goiânia é um exemplo de compreensão objetiva dos problemas nacionais na década de 1930. Nos dois casos, em Minas Gerais e Goiás, houve forte campanha contra a mudança, sob o argumento central de que a situação financeira das unidades federativas desaconselhava medida de tamanho vulto. Em contrapartida, os mudancistas apostavam no acerto da medida e das conseqüências “salutares e fecundas” que resultariam da deslocação do eixo econômico e administrativo para uma região onde fosse possível incrementar o ganho econômico e o bem-estar social de suas comunidades.

O planejamento das cidades, a organização hierárquica das vias e a definição de políticas de construção mediante códigos de edificações caracterizam uma parte da

modernização dos grandes centros urbanos brasileiros a partir de 1930. Godoy neste período escreve um texto intitulado: “*A cidade-jardim*”, destacando o papel civilizador e a inegável utilidade social das cidades. Em sua opinião, a cidade deve ser pensada como um espaço em que a natureza esteja presente.

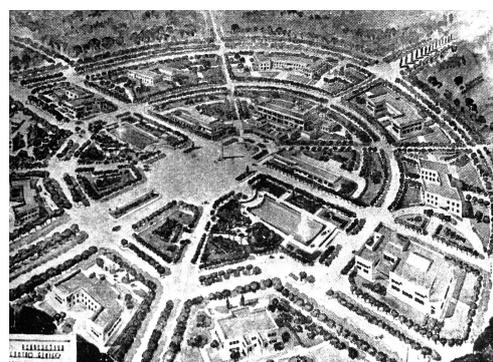
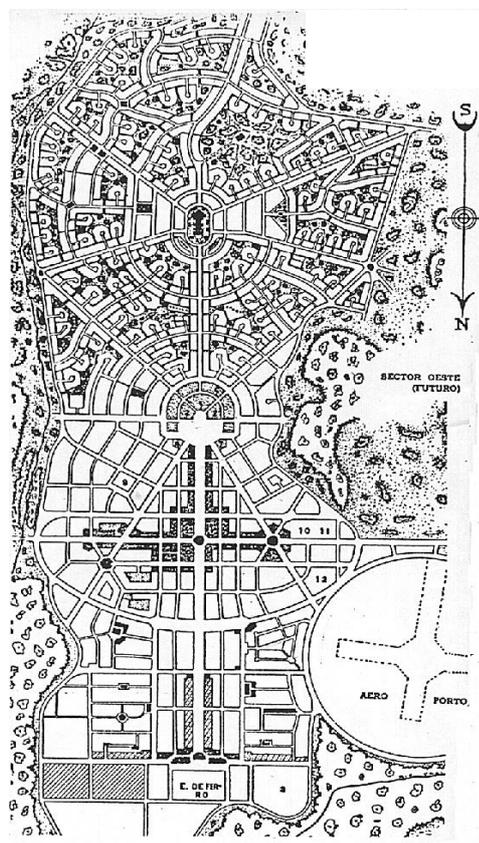
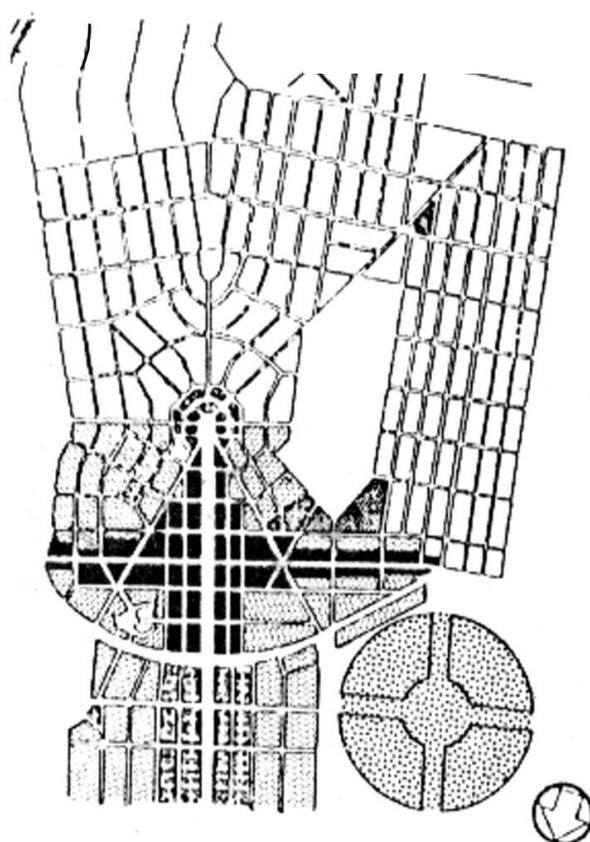
Godoy faz referência em seus textos de exemplos brasileiros influenciados pelas ideias de Howard. Refere-se à São Paulo, onde a partir de 1913 deu-se a instalação da City of São Paulo Improvements and Freehold Company Ltd., e à cidade do Rio de Janeiro, para qual Alfred Agache, em seu plano “*A cidade do Rio de Janeiro: extensão, remodelação, embelezamento*” (1930), propôs a criação de duas cidades-jardins – uma para a Ilha do Governador e outra para a Ilha de Paquetá. Godoy teve oportunidade de conhecer algumas cidades-jardins na Europa: Suresnes e Robinson, exemplos típicos de cidades destinadas somente às famílias de operários. Ambas se encontram nos arredores de Paris e foram construídas por iniciativa e sob a direção do Comitê do Departamento do Sena.

6. GOIÂNIA E A CONCILIAÇÃO DE MODELOS ADVERSOS DE CIDADES

Goiânia destaca-se na historiografia do urbanismo brasileiro compondo o grupo de cidades novas, planejadas, constituídas-construídas durante o período de um século, que vai de 1855, com a criação de Aracaju, até 1960 com a inauguração de Brasília. Teve seu núcleo urbano inicial concebido por Attílio Corrêa Lima (fig. 2 e 4) e parcialmente modificado com base nas ideias de Armando Augusto de Godoy, na época consultor técnico do escritório Coimbra Bueno (fig. 3 e 5).

Uma das primeiras menções que faz referência de Goiânia fora do Brasil foi escrita no livro de Wermer Hegemann, *City Planning Housing*, em seu vol. III, publicado em 1936, acompanhada de um desenho do Setor Sul, Hegemann nota que foi projetado um “*city planner*”, com “*a aplicação do padrão de ruas com cul-de-sac e um cinturão de parques circundando-as*” e informa que se tratava de uma “*cidade inteira planejada para uma população eventual de 50 mil*”. Do ponto de vista urbanístico, em um livro pouco mencionado, de Francis Violich, como título *Cities of Latin América. Housing and planning to the south*, publicado em 1944, encontram-se as primeiras referências sobre arquitetura e urbanismo moderno no Brasil. Violich (1944) observa que o plano da nova capital goiana

representa o trabalho de vários planejadores e o pensamento de três escolas diferentes de planejamento “(...) a grelha tradição colonial portuguesa; a escola francesa de diagonais e radiais, presentes no traçado de Lima; a seção Radburn projetada por Armando Augusto de Godoy, distintamente norte-americana”. Pierre Lavedan, em livro clássico sobre a história do urbanismo contemporâneo, publicado em 1952, registra a cidade de Goiânia. Conclui suas observações dizendo que conciliam-se em Goiânia modelos antagônicos de cidade. Passa-se da regularidade clássica do centro cívico, marcado por amplas avenidas, “parkways” e grandes espaços promotores de uma intensa circulação, para a sinuosidade das vias arborizadas de um bairro residencial, onde ruas radiais e anulares delimitam os setores que são penetrados por vias sem saída (Andrade, 2004. p. 76/78).



7. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O presente texto caracteriza-se pela discussão, das múltiplas linguagens do urbanismo, atenta às singularidades de cada momento, no manejo de diferentes maneiras e escalas interpretativas a partir das interlocuções de Godoy. Interessa discutir a atuação de Godoy no setor público de urbanismo, no ensino, na produção intelectual em artigos, livros e revistas, nos planos urbanísticos e na participação no planejamento urbano e regional brasileiro. Explorar diferentes aspectos da relação entre a trajetória profissional de Godoy e a narrativa histórica relacionada ao campo do urbanismo é um dos objetivos da pesquisa que se inicia com a expectativa de contribuir com as discussões e estudos sobre as atividades profissionais de urbanistas que atuaram no Brasil entre os séculos XIX e XX. O urbanismo recorreu a uma estrutura discursiva na qual *a narrativa da emancipação individual e coletiva, imaginada como progresso e superação do obscurantismo e da ignorância. Sobre essa narrativa, fundou-se a respeitabilidade e a legibilidade da ciência moderna.* Portanto, é oportuno compreender que o urbanismo ocupa-se *das transformações dos territórios, do modo como elas acontecem e aconteceram, dos sujeitos que as promovem, de suas intenções, das técnicas utilizadas, dos resultados esperados, dos êxitos obtidos, dos problemas que surgem, um de cada vez, induzindo novas transformações.* (Secchi, 2012 – p. 18/21).

Com o presente estudo adentramos na discussão da formação do campo conceitual de estudos urbanos como possibilidade de aclarar experiências urbanas sob seus múltiplos aspectos. Ao lado de uma leitura interpretativa e crítica da linguagem escrita e das múltiplas linguagens do urbanismo podemos destacar no discurso técnico de Godoy temas integrantes da realidade urbana do Rio de Janeiro e da prática do urbanismo da época: higiene, estética e política. Neste sentido a ação do urbanista Godoy, apresenta-se não só como algo que propõe um fim a um processo de agravamento das condições da cidade do Rio de Janeiro, mas como o anúncio de um virtuoso processo de sua própria melhoria. Nos seus textos Godoy permite considerar junto tanto os vestígios concretos da aplicação prática do urbanismo como os discursos a ela referidos.

A análise comparativa e as pesquisas de práticas urbanísticas e das soluções propostas e efetivadas por urbanistas norte-americanos e europeus expõe a forma que Godoy argumenta e justifica as suas sugestões de como fazer urbanismo. Na forma de diagnóstico, o levantamento dos problemas urbanos e de como foram enfrentados pelas autoridades locais configura um procedimento presente nos seus primeiros textos da década de 1920. Nos textos da década de 1930, Godoy expõe a explícita interdependência da cidade e região, com destaque para o modelo de cidade-jardim, o problema do tráfego através do plano de remodelação, as rodovias ligando cidade-campo e o veículo automotor sob o ponto de vista do urbanismo.

A cidade-jardim, a unidade de vizinhança e o plano de Radburn são referências assinaladas por Godoy nas discussões sobre a concepção e construção da cidade de Goiânia. Numa perspectiva local de intervenção sugere para o Setor Sul da cidade de Goiânia, enquanto princípio de organização do espaço residencial unifamiliar, uma solução baseada na experiência norte-americana de Radburn e nas teorias do desenho urbano e da composição de bairros de baixa densidade segundo os modelos de Unwin. Numa perspectiva regional adota a ideia de cidade-jardim com o crescimento da cidade por unidades de tamanho limitado – presenças do cinturão verde e cidades satélites.

As interlocuções e narrativas de Godoy possibilitam analisar diferentes linguagens e diversos saberes sobre as cidades. A morfologia urbana e o desenho da cidade, resultantes das transformações vivenciadas por Godoy, no início do século XX, revela uma opção pela linhagem de urbanistas que criticam as más condições da vida urbana e propõe relativo retorno à natureza, tal como E. Howard, R. Unwin, A. Agache e P. Gueddes. As ideias e heranças presentes nas formas urbanas estabelecidas no Rio de Janeiro e na cidade de Goiânia são impressões derivadas dos textos, das iconografias, do contexto, do conhecimento, sendo estas apreendidas por meio da leitura de exemplos situados na história.

Parafraseando Pesavento⁵, neste envolver com o projetar de uma “*cidade que se quer*” sobre a cidade que se tem, o que vale resgatar é que a “*cidade do desejo*” *existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a idealizou, projetou e a quis concretizar*. Compreender a cidade como real através da leitura de suas representações e das metáforas

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy, 1995. *Muito além do Espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 279/290.

organicistas do discurso técnico de Godoy é um dos nossos desafios. Numa primeira aproximação com o tema pode-se afirmar que a fundação de cidades brasileiras e sua conformação com características próprias são herdadas de um saber fazer português e de um processo singular de conciliação de modelos adversos de cidades aliado ao crescimento e expansão dos assentamentos, a partir do século XIX e, principalmente, no século XX, com o advento da industrialização e a crescente migração do campo-cidade.

Ao realizar a revisão literária a respeito do tema espera-se identificar categorias analíticas sobre a construção e institucionalização do urbanismo como campo disciplinar e prática profissional. Numa perspectiva complementar pretende-se confrontar e explorar a questão da morfologia urbana, considerando a lógica de produção do espaço urbano articulada com as estratégias políticas-sociais da produção e transformação da forma urbana no tempo da atuação profissional de Armando Augusto de Godoy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo de livros:

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. 2004. *A construção historiográfica da cidade e do urbanismo moderno no Brasil: o caso das cidades novas planejadas*. In: PINHEIRO, Eloísa P.; GOMES, Marco Aurélio A. F. (orgs.). *A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo*. Salvador: EDUFBA. 73/89.

LEME, M. C. S. 2003. *Os desafios do urbanismo no Brasil: ensino e profissão*. In: *Urbanismo em questão*. Denise Barcellos Machado, Margareth da Silva Pereira, Rachel Coutinho Marques da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB.

Livros:

CALABI, Donatella. 2012. *História do Urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares*. Trad. Marisa Barda, Anita Di Marco. SP: Perspectiva.

DELSON, R. M. 1997. *Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no século XVIII*. Brasília: Ed. ALVA-CIORD.

FARIA, R., CERASOLI, J. e LIRA, F. 2014. *Urbanistas e Urbanismo no Brasil: entre trajetórias e biografias*. São Paulo: Alameda, 29/30.

FARIA, Rodrigo Santos de. 2013. *O Urbanista e o Rio de Janeiro: José do Oliveira reis, uma biografia profissional*. São Paulo: Alameda, 29/30.

GODOY, Armando A. de. 1943. *A Urbs e os Seus Problemas*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio.

HALL, Peter. 1988. *Cidades do amanhã*. São Paulo: Perspectiva.

LAMAS, J.M.R.G. 1992. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calustre Gulbenkian/JNIC.

MANSO, C. F.A 2001. *Goiânia: uma concepção moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: ed. do autor.

SOSA, M. R. e SEGRE, R. 2013. *O Plano agache para o Rio de Janeiro (1927-1930): diálogos com a Escola Francesa de Urbanismo no final da década de 1920*. IN: PEREIRA, Elson M. 2013. *Planejamento Urbano no Brasil: conceitos, diálogos e práticas*. 2ª ed. Ver. Atual – Chapecó: Argos (debates: 3)

REIS FILHO, 2000. Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado; FAPESP, (Uspiana 500 anos).

REIS, José de O, 1965. *As administrações municipais e o desenvolvimento urbano*. In: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos - p.125/160*. IN: FARIA, 2013. *O urbanista e o Rio de Janeiro: José de Oliveira Reis, uma biografia profissional*.

SILVA, Lucia. 2003. *História do Urbanismo no Rio de Janeiro: Administração Municipal, Engenharia e Arquitetura dos anos 1920 à Ditadura Vargas*. RJ: E-Papers Serviços Editoriais.

STUCKENBRUCK, D C. 1996. *O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos Anos 20*. RJ: Observatório de Políticas Urbanas / IPPUR / FASE.

SECCHI, Bernardo. 2012. *Primeira lição de urbanismo*. [tradução Marisa Barda e Pedro M.R. Sales]. São Paulo: Perspectiva. (Debate; 306/dirigida por J. Guinsburg).

Sites:

FARIA, Rodrigo et.al 2007. *José de Oliveira Reis, urbanista em construção: uma trajetória profissional no processo de institucionalização do urbanismo no Brasil (1926-1965/1966)*. Tese de Doutorado em História, IFCH-UNICAMP. Disponível em <http://www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/artigo/tese/fariarodrigo-s-tese.pdf> - visitado em 04/09/2014.